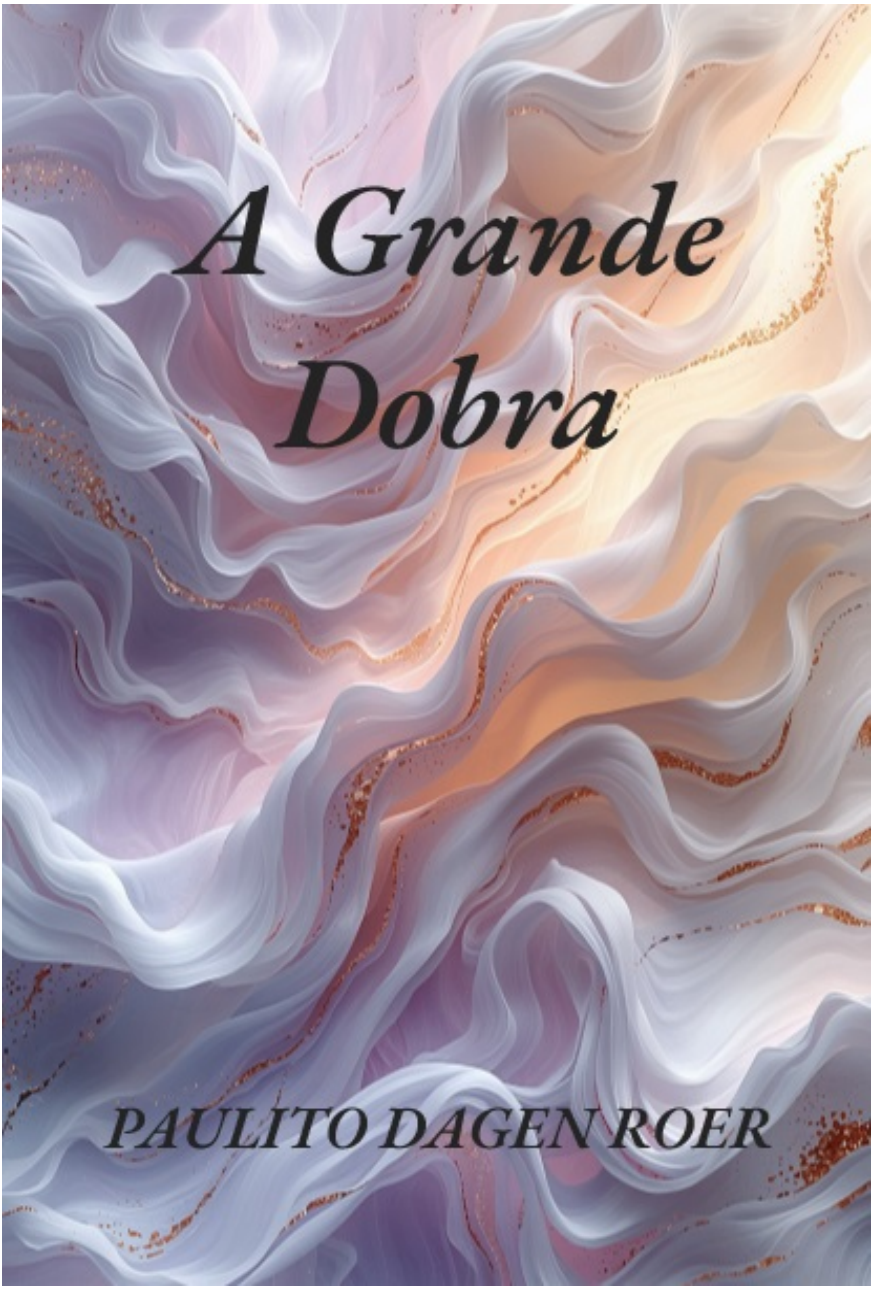
A Grande
Dobra
PAULITO DAGEN ROER

A Grande Dobra

Um exercício estético de Monismo Imanente

PAULITO DAGEN ROER

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou distribuída, por qualquer meio, sem autorização do autor, ressalvadas as exceções previstas em lei.
© 2026 Paulito Dagen Roer

SUMÁRIO

Movimento I: A Ilusão da Margem .....pág. 1
Movimento II: A Grande Dobra (Corpo eMente) .....pág. 11
Movimento III: O Tecido dos Afetos (A Modulação) .....pág. 21
Movimento IV: O Fluxo Sem Saltos (A Continuidade) ..... pág. 31
Movimento V: O Amor Intelectual (O Retorno ao Oceano)..pág. 87

Epílogo: A Onda Recua pág.93
Nota do Autor .....pág. 97
Fim .....pág. 101

Movimento I: A Ilusão da Margem

Abro os olhos e não vejo uma parede. O que chamo de parede é apenas o limite onde a minha vista repousa, uma dobra na mesma matéria que me permite olhar. O escuro do quarto não é a ausência de algo. É a luz que diminuiu o seu ritmo, que se deitou para descansar. Sinto o lençol contra a pele. Mas onde termina o tecido e onde começo eu?

A pele parece uma fronteira, uma linha clara que me separa do resto das coisas. Uma grande ilusão. A pele não é uma muralha; ela é um ponto de encontro. O ar da madrugada entra pelas minhas narinas, desce até o fundo do peito e se espalha pelo sangue. O mundo de fora agora caminha por dentro de mim. O calor que sai do meu corpo se dissipa no quarto e aquece o espaço ao redor. Eu ando no mundo ou o mundo se move em mim?

Não há duas coisas. Não há o homem de um lado e o cenário do outro. O quarto não é uma caixa onde fui colocado. Eu nasci deste quarto, desta terra, deste chão. Sou feito do mesmo silêncio que preenche os cantos da casa. O meu pensamento agora não é uma alma isolada flutuando no vazio. Ele é o próprio universo pensando a si mesmo neste pedaço de carne que sou.

Olho para as minhas mãos no escuro. Elas parecem soltas, donas de si. Mas são apenas ondas. Quando o mar se agita, ele cria uma crista que sobe, brilha sob o sol e parece independente. Quem olha de longe diz: veja, ali vai uma onda. Mas a onda não vai a lugar nenhum. Ela é o próprio mar mudando de forma. Minhas mãos são essa onda. O meu corpo é esse movimento. Eu não entrei no mundo. Eu sou o mundo que se ergueu por um instante.

A lâmpada apagada no teto não espera pela eletricidade

como um objeto morto espera por um milagre. Ela faz parte do circuito inteiro da casa, que faz parte dos fios da rua, que mergulham na terra e encontram as turbinas dos rios distantes. Tudo está conectado por fios invisíveis de pura presença. Se eu toco o interruptor e a luz se faz, não houve uma criação do nada. Houve apenas a liberação de uma força que já corria pelas veias do cobre. Nada surge do vazio. O susto da luz que acende é apenas o mesmo rio de energia mudando de velocidade.

Abro a janela do quarto e sinto o vento frio da madrugada tocar o meu rosto. O senso comum me diz que o vento veio de longe, cruzando florestas e cidades até colidir com a minha testa. Mas a verdade do corpo sabe que o vento e a minha testa são o mesmo mistério. O ar que se move lá fora é o mesmo ar que se aquieta aqui dentro. Minha respiração e a ventania do mundo usam os mesmíssimos pulmões

cósmicos. Quando inspiro, puxo o universo para dentro de mim; quando expiro, devo-me a ele. Não há fronteira na janela. A janela é apenas um vão que a matéria inventou para que o espaço pudesse se olhar de dois lados diferentes.

Olho para o jardim no escuro. As plantas não estão dormindo um sono separado do meu. A seiva que sobe silenciosa pelo caule da roseira obedece à mesma pressão que faz o meu coração bater no peito neste instante. A terra escura sob as minhas raízes imaginárias sustenta a casa, a rua e o peso de todos os homens que já pisaram aqui. Essa matéria escura não é o cenário passivo onde as coisas acontecem. Ela é a própria mãe viva, o corpo imenso e eterno que se desdobra em forma de folha, em forma de pedra, em forma de palavra. Somos todos feitos da mesma argila sagrada, moldados por dentro pelo mesmo sopro que nunca cessa. As pedras do caminho não esperam que

alguém as chute para ganhar um sentido. Elas existem com a força total de quem ocupa o espaço com dignidade absoluta. Uma rocha no alto da montanha não tem menor valor do que o voo da águia que pousa sobre ela, ou do que o coração do homem que tenta decifrar o seu mistério. O granito bruto e o cérebro humano dividem a mesma herança cósmica. Nenhum ser foi colocado no mundo para servir de moldura para o outro. A matéria não tem degraus de importância. Deus não habita mais o topo das nuvens do que o lodo que repousa no fundo do lago mais escuro.

Quando estico o braço para alcançar um copo de água, não cruzo uma distância vazia. Meus dedos viajam através de uma densidade invisível que conecta o meu corpo ao vidro. O ar não é um nada que separa os objetos; ele é a ponte viva que nos mantém unidos. A água que preenche o copo

carrega a memória das nuvens que já choveram e dos rios que já secaram. Ao beber, essa memória antiga passa a fazer parte dos meus tecidos, lubrifica as minhas articulações e alimenta o meu pensamento. O que estava no copo agora me sustenta. O que sou eu senão esse eterno intercâmbio de substâncias que nunca cessa?

Caminho até o espelho e tento encontrar o contorno exato do meu rosto. A imagem que me devolve o olhar parece recortada contra a parede do fundo. Mas a luz que viaja do vidro até os meus olhos não faz uma viagem por fora do mundo. Ela é o próprio meio que se torna visível. O olho que percebe o reflexo é feito da mesma luz que se espalha pela sala. Não há um observador secreto escondido atrás das minhas pupilas. A consciência não assiste à vida do lado de fora de um teatro. Ela é a própria peça acontecendo, o palco vibrando, as cortinas se movendo sob o mesmo vento.

Fecho os olhos novamente e escuto os ruídos da rua acordando. O motor de um carro distante, o canto do primeiro pássaro, o latido de um cão vizinho. Esses sons não invadem o meu silêncio como intrusos. Eles nascem de dentro do mesmo tecido que me molda. O som é a matéria que vibra em ondas largas; o meu ouvido é a matéria que vibra em dobras finas para acolher o som. Somos a mesma nota musical sendo tocada em instrumentos diferentes. A sinfonia não para. Ela apenas muda de tom, desliza pelas calçadas, sobe pelas frestas das janelas e continua a sua marcha eterna através dos tempos. Esta marcha não conhece interrupções ou começos do nada. O dia que nasce agora na linha do horizonte não rasga a noite como se rasga uma folha de papel. A claridade não expulsa a escuridão; ela desliza por dentro dela. O azul escuro vai se tornando cinza, o cinza se dissolve em rosa, e o rosa se

incendeia em ouro. É um movimento suave de transformação, onde uma cor nunca deixa de ser para que a outra comece. Ambas são filhas da mesma luz solar que apenas mudou o seu ângulo em relação à terra. Não há um salto no tempo. Cada segundo é o desdobramento natural do segundo anterior, um fluxo que corre sem margens e sem represas.

Se olho para o horizonte geométrico, para aquela linha reta onde o céu parece tocar o mar ou a terra firme, percebo que ela também é uma invenção do meu olhar. Quanto mais eu caminho em direção a essa linha, mais ela se afasta. Ela não é um muro real onde o mundo acaba. Ela é apenas o limite da minha capacidade de enxergar. O universo não termina onde os meus olhos cansam. Ele continua a se estender, idêntico a si mesmo, em todas as direções, sem nenhuma cerca ou fronteira que o divida em dois. Não

existe um "lado de fora" do mundo. Tudo o que existe, tudo o que já existiu e tudo o que ainda vai ganhar forma habita o mesmo espaço infinito.

Imagine um deserto imenso de areia fina. O vento sopra e ergue uma duna alta, imponente, que desenha uma curva perfeita contra o céu. Quem passa por ali pode dar um nome àquela duna, fotografar o seu topo e medir o seu tamanho. Mas bastam algumas horas de ventania para que aquela forma desapareça, espalhando-se pelo chão e virando uma planície lisa. Para onde foi a duna? Ela não morreu, nem foi para outro mundo. Ela apenas voltou a ser o que sempre foi: areia viva em movimento. O deserto nunca ganha ou perde nada quando as dunas sobem ou descem. Ele apenas muda a sua pele.

Nós somos feitos dessa mesma areia que o vento da vida molda por algum tempo. O meu nome, a minha história, a

minha idade e as minhas memórias são apenas os contornos temporários dessa duna que sou eu neste instante. Olhar para si mesmo com profundidade é perceber que, por baixo da forma que muda, somos o deserto inteiro. Não há motivo para o medo do desaparecimento, porque a matéria de que somos feitos não pode ser destruída. Ela pertence ao mundo de forma absoluta. Quando a duna do meu corpo se desmanchar, cada grão de poeira que me formou continuará a dançar sob o sol, alimentando outras formas, outras vidas, no mesmo solo eterno.

Movimento II: A Grande Dobra
(Corpo e Mente)

Por baixo da pele, o silêncio do corpo também é uma conversa. Meu coração bate sem que eu precise pedir, e meus pulmões se enchem de ar mesmo quando estou dormindo. Há uma inteligência profunda na carne que não depende dos meus comandos ou da minha vontade. Essa força que faz as minhas células trabalharem em harmonia é a mesmíssima força que faz os planetas girarem ao redor do sol e a seiva subir pelas veias invisíveis das árvores. O corpo não é uma máquina que a mente governa como um motorista que dirige um carro. Eles caminham juntos, no mesmo passo, no mesmo compasso, como duas faces da mesma moeda que ninguém pode separar.

Quando uma ideia bonita nasce no meu pensamento, o

meu corpo inteiro reage. O peito se expande, os olhos brilham, os músculos relaxam. Se o pensamento se enche de preocupação, o estômago se aperta e os ombros pesam. A mente não está em um lugar elevado, olhando o corpo de longe. Ela é o próprio corpo traduzido em sentido, e o corpo é a mente traduzida em matéria. Se eu toco a superfície lisa de uma mesa, o meu cérebro registra a textura do Invisível ao mesmo tempo em que a minha ponta do dedo sente a resistência da madeira. Não há um salto entre o sentir e o pensar. Ambos acontecem no mesmo átimo de segundo, na mesma substância que nos sustenta.

Pense no reflexo que se desenha na superfície de uma lagoa calma. Se uma pedra cai na água, a superfície se agita e o reflexo se desfaz em círculos que se espalham. O reflexo não mudou por vontade própria; ele mudou porque a água se moveu. A mente humana é como esse reflexo. Ela não cria

as suas próprias tempestades do nada. Ela acompanha fielmente cada movimento, cada onda e cada impacto que o corpo recebe do mundo ao redor. Se o corpo está em paz, o reflexo do pensamento é límpido e claro. Se o corpo sofre, a mente acompanha a sua dor, porque eles não são dois vizinhos que moram na mesma casa. Eles são a própria casa.

Essa união absoluta nos mostra que a nossa inteligência não nos coloca acima do resto da natureza. O pensamento não é um privilégio humano que nos torna superiores às pedras ou aos animais. Uma folha que se inclina na direção da luz do sol está pensando à sua maneira, respondendo ao mundo com a inteligência do seu próprio corpo. Um rio que encontra o caminho mais fácil entre as rochas para descer a montanha está resolvendo um problema com a sua força física. Tudo o que existe pensa e

se estende no espaço, cada ser ao seu modo, cada criatura no seu próprio nível de energia. Somos todos expressões diferentes do mesmo Deus que respira na matéria.

A luz que entra pela janela e atravessa o quarto não viaja de um mundo distante para morrer no meu tapete. Ela não cruza uma barreira vazia entre o sol e a minha casa. A luz e o espaço por onde ela caminha são o mesmo tecido contínuo. Quando olho para o raio de sol que ilumina a poeira suspensa no ar, não estou vendo um objeto que se move dentro de um cenário. Estou vendo a própria substância do mundo se tornando visível para si mesma. O meu olho que capta essa claridade não é um observador que assiste à cena do lado de fora. O olho é feito de carne, de água e de nervos que respondem ao mesmo calor que acende as estrelas. A visão é o encontro de dois pontos da mesma luz que se reconhecem.

Se prestarmos atenção ao funcionamento invisível dos nossos órgãos, percebemos que não há um centro de comando isolado. O cérebro não é o rei do corpo, e o coração não é o seu servo. O sangue corre pelas artérias levando o oxigênio que os pulmões buscaram no vento, enquanto o estômago transforma o alimento que a mão colheu da terra. Cada pequena parte trabalha para o todo, e o todo sustenta cada pequena parte. Não há hierarquia na biologia. Se um único vaso se contrai, o corpo inteiro se reorganiza para compensar a mudança. Essa harmonia interna é o exemplo perfeito de como o universo funciona. Deus não governa as coisas de cima, como um juiz que dita ordens. Deus é a própria harmonia que faz as partes conversarem entre si.

Esta conversa constante se estende para além daquilo que chamamos de nosso corpo. Quando o inverno chega e o frio aperta a pele, o corpo diminui o seu ritmo, economiza

energia e busca o aconchego do calor. Não há uma guerra entre o homem e o clima. O frio de fora e o calor de dentro se calibram o tempo todo, buscando um equilíbrio que permita à vida continuar a sua marcha. Nós somos moldados pelas estações do ano da mesma forma que as árvores perdem as folhas no outono e florescem na primavera. O ritmo da terra é o nosso ritmo. Fingir que somos independentes do clima, do solo ou do ar é como acreditar que uma nota musical pode tocar a si mesma sem precisar do instrumento ou do músico. Somos o som que o mundo emite quando sopra através de nós.

Somos o som e o próprio instrumento que vibra. Quando sinto cansaço e os meus passos se tornam mais lentos, não é apenas a musculatura das pernas que pede trégua; a minha mente também se cobre de sombras e os pensamentos se tornam mais pesados, como nuvens carregadas que se

acumulam antes da chuva. Não há um comando mágico da mente que possa ignorar o estado da carne, porque o pensamento não é um espírito livre que flutua acima das necessidades do sangue. Se o corpo adoece, a alma se encolhe para cuidar da ferida; se o corpo descansa e recupera o seu vigor, a alma se expande e volta a criar asas. Eles são o avesso e o direito do mesmo tecido vivo, duas linguagens diferentes que contam exatamente a mesma história em tempo real.

Essa simultaneidade afasta de nós qualquer ilusão de controle absoluto ou de isolamento. Se olho para a água que ferve em uma panela sobre o fogo, vejo as bolhas subirem e se agitarem com pressa, mudando o estado do líquido de calmo para turbulento. A água não escolheu ferver por vontade própria; ela respondeu ao calor que veio do metal, que veio do gás, que veio do fundo da terra. Da mesma

forma, as nossas decisões e os nossos estados de espírito não nascem em um vazio de liberdade total. Nós somos banhados, atravessados e moldados por forças que agem sobre nós a cada segundo. O que chamamos de nossa vontade é a forma como o nosso corpo e a nossa mente reagem, juntos, a tudo aquilo que nos toca e nos transforma.

Olhar para uma grande árvore no meio de uma praça ajuda a clarear essa percepção. O tronco firme que vemos acima do solo parece um objeto isolado, terminado em si mesmo. Mas por baixo da terra, invisível aos nossos olhos, existe uma rede imensa de raízes que se estende por metros, abraçando o solo, bebendo a umidade escondida e conversando com as raízes de outras plantas ao redor. A árvore não começa onde o tronco sai do chão; ela é o chão, ela é a água da chuva acumulada, ela é o sol que toca as

suas folhas mais altas. O ser humano funciona da mesma maneira. O que chamamos de indivíduo é apenas a parte visível de uma imensa rede de conexões que nos prende ao universo inteiro. Não somos ilhas cercadas de vazio; somos a própria terra firme que se eleva para respirar.

Quando essa compreensão se instala no peito, o orgulho humano perde o seu sentido e dá lugar a um respeito profundo e silencioso por cada fragmento da realidade. Percebemos que não há um topo do mundo a ser conquistado, nem uma salvação que nos tire deste planeta para nos levar a um além perfeito e distante. O sagrado não está guardado em um templo fora do universo; ele está distribuído de forma igualitária na textura da madeira, no calor da pele, no brilho da estrela e no movimento do inseto que caminha pela folha. Pertencemos a este Todo de maneira irrevogável. Nascemos dele, somos sustentados por

ele e, quando a nossa forma atual cansar, nos dissolveremos nele sem jamais deixar de fazer parte da sua substância eterna.

Movimento III: O Tecido dos Afetos
(A Modulação)

Quando duas correntes de água se encontram em um grande rio, elas não duelam como duas substâncias inimigas. Elas se misturam, mudam de velocidade, criam pequenos redemoinhos e continuam a correr juntas, agora com uma força diferente. O encontro com o outro funciona da mesma maneira. Quando me aproximo de alguém e sinto o impacto da sua presença, o que acontece não é a invasão de uma realidade estranha ou alienígena dentro de mim. O outro não vem de fora do mundo; ele é feito da mesmíssima substância que me forma. Esse impacto que sinto na pele e na alma — e que costumamos chamar de afeto — é apenas a variação do nosso nível de energia compartilhada. É a matéria do mundo mudando de tom

no nosso encontro.

Se o encontro me traz alegria, não é porque recebi um presente mágico vindo do além. A alegria é o nome que damos ao instante exato em que a nossa potência de agir aumenta, quando o nosso corpo e a nossa mente ganham mais força, mais vigor e mais vida. Um abraço apertado, uma palavra de conforto ou um olhar de cumplicidade são como o sol que toca a folha da árvore: eles expandem as nossas linhas, tornam o nosso sangue mais leve e fazem a nossa mente clarear. A alegria é a prova física de que os nossos corpos se encaixaram bem, harmonizando as suas frequências na mesma grande música do universo. É a substância única celebrando a sua própria expansão através de nós.

Por outro lado, quando o encontro nos traz tristeza, o que experimentamos é uma diminuição dessa mesma energia

vital. A tristeza surge quando o impacto do outro perturba o nosso ritmo, aperta o nosso peito e diminui a nossa capacidade de agir e de pensar. Uma palavra dura, um gesto de rejeição ou até mesmo um esbarrão físico na calçada movimentada funcionam como uma nuvem pesada que esconde o sol. Nossa potência diminui, o corpo se contrai e a alma se recolhe em busca de abrigo. Mas a tristeza também não vem de um lugar maldito ou exterior. Ela é apenas a mesma água do oceano que, em vez de se erguer em uma crista brilhante, recuou e se fechou em uma calmaria escura.

Compreender isso transforma a maneira como olhamos para quem nos cerca. O outro deixa de ser um inimigo em potencial ou um mistério indecifrável para se tornar um espelho da nossa própria condição. Se alguém me afeta com raiva ou amargura, percebo que aquela criatura também

está lidando com a sua própria diminuição de força, arrastada por correntes que muitas vezes não consegue controlar. Não há julgamento moral ou condenação metafísica nesse olhar. O homem que agride e o homem que acolhe dividem o mesmo peso ontológico. Ambos são modos diferentes de a natureza testar os seus limites, fios do mesmo tapete imenso que vibram de acordo com a tensão do vento.

Este tapete não possui um centro geométrico, uma linha sagrada ou um ponto capital onde a divindade se concentre mais do que nas beiradas. O universo não foi desenhado ao redor do homem. Não existe uma corte metafísica onde a nossa espécie ocupe o trono e o restante das coisas sirva apenas de tapete ou degrau. Deus está em toda parte igualmente, espalhado com a mesma generosidade sem limites por toda a matéria que existe. Ele habita a menor

pedra que rola na calçada com a mesma integridade com que preenche o núcleo da maior estrela que brilha no céu profundo. A santidade da existência não é uma escala de notas onde alguns ganham mais e outros ganham menos; ela é uma planície horizontal e imensa.

Uma árvore que cresce silenciosa no meio da floresta, um ser humano que escreve um livro em sua mesa e um planeta que gira em sua órbita escura possuem exatamente o mesmo valor ontológico. Nenhum deles é superior ou inferior em termos de existência. A árvore existe com a força máxima de ser árvore; a pedra ocupa o seu lugar com a perfeição absoluta de ser pedra; o homem pensa e sente com a capacidade que a carne lhe permite. Todos são expressões válidas, necessárias e perfeitas da mesma substância única. Quando aceitamos essa igualdade, o orgulho de nos julgarmos donos da terra se desfaz como fumaça, dando

lugar a uma fraternidade silenciosa com tudo o que nos cerca.

Se eu toco a casca rugosa de um tronco antigo, não estou tocando uma realidade menor do que a minha própria pele. A textura da madeira e a sensibilidade dos meus dedos são apenas duas dobras diferentes da mesma grande matéria que resolveu se experimentar ali, naquele milímetro de encontro. O afeto que sinto ao olhar para a natureza não é o sentimento de um rei que visita os seus súditos, mas o abraço de quem reencontra um irmão de sangue após uma longa viagem. Partilhamos o mesmo solo, o mesmo ar, o mesmo tempo e o mesmo destino. Somos feitos do mesmo tecido sagrado que nunca foi criado no tempo e que nunca deixará de existir.

Esta substância é eterna porque não depende de nada fora de si mesma para se sustentar. Ela não teve um início em

um dia marcado no calendário do passado, e nunca encontrará um fim onde tudo se apague e vire cinzas. O universo não é um relógio que alguém deu corda e que um dia vai parar de funcionar; ele é o próprio motor eterno, o fluxo que se renova, se transforma e desliza através das eras sem jamais perder um único grama de sua energia divina. As formas individuais cansam, mudam de ritmo e se desfazem, mas a água do oceano continua lá, cheia, infinita, movendo as suas ondas sob a luz de um sol que também faz parte dela.

Este sol não nos vigia de cima. O olho que se abre pela manhã para receber a claridade não realiza um milagre que rompe o isolamento da mente. A percepção não viaja de um mundo interior para saltar sobre as coisas e tocá-las na distância. O meio que permite à luz atravessar o espaço e se fazer notar dentro da nossa cabeça é a própria substância

única. Quando eu enxergo uma flor no jardim, a visão não é uma linha que ligou dois pontos separados; é a própria natureza que se fez flor de um lado e se fez olho do outro para poder se contemplar. Não há distância real entre o sujeito que olha e o objeto que é olhado, porque ambos respiram sob as dobras do mesmo lençol.

Essa proximidade absoluta elimina o abismo entre o que pensamos e o que tocamos. O pensamento e a matéria não são duas realidades que se estranham ou que lutam para conversar através de um canal misterioso. Eles são apenas formas diferentes de testemunhar a mesma presença. Minha mente é a expressão dessa substância vista pelo lado de dentro; meu corpo é essa mesma substância vista pelo lado de fora. Onde o corpo caminha, a mente acompanha o seu trajeto como a sombra acompanha o corpo sob o sol do meio-dia. Não há primazia da alma sobre a carne, nem

escravidão da carne sob os desejos da alma. Eles operam no mesmo instante, com a mesma urgência e sob o mesmo compasso divino.

Afastar a ideia de um Deus que se comporta como um homem sentado em um trono de nuvens é o primeiro passo para encontrar a verdadeira paz na terra. A divindade não possui vontades egoístas, não se zanga com as nossas falhas e não exige sacrifícios para aplacar a sua ira. Ela não criou o universo a partir do nada, em um gesto de vaidade ou tédio, para depois ficar observando a criação de longe, como um juiz que anota os erros das suas criaturas. O mundo não é a obra de Deus; o mundo é o próprio corpo de Deus. Suas leis são as forças da gravidade, as correntes dos oceanos, a decomposição das folhas e o pulsar das estrelas no vazio.

Ao percebermos que habitamos este corpo divino, cada ação

ganha uma nova responsabilidade afetiva. O cuidado com o outro e o respeito pela matéria que nos cerca deixam de ser obrigações morais escritas em pedras de mandamentos. Eles passam a ser uma necessidade de sobrevivência e de expansão. Maltratar uma criatura, poluir um rio ou alimentar o ódio no pensamento é o mesmo que cravar uma faca no próprio peito, pois tudo faz parte da mesma carne do mundo. Quando eu fortaleço a vida que está ao meu redor, estou aumentando a minha própria força de existir, tornando o fluxo mais límpido para que a substância possa deslizar com alegria através dos meus dias.

Movimento IV: O Fluxo Sem Saltos (A Continuidade)

O universo não se move por solavancos ou rupturas abruptas. Não existe um instante em que o ser dê um salto sobre o abismo do vazio para começar a existir a partir do nada, assim como não há um momento em que a vida caia em um buraco negro de esquecimento absoluto. A realidade é um deslizamento contínuo. As transformações que presenciamos todos os dias na natureza — a semente que se fende, a flor que murcha, o fruto que apodrece na terra — não são mortes no sentido de um fim definitivo. Elas são os desdobramentos de uma mesma matéria e de uma mesma energia cósmica que nunca param de circular, mudando de endereço e de vestimenta, mas mantendo a sua essência intacta.

Se olharmos para o ciclo biológico de uma floresta, compreendemos essa continuidade sem esforço. A folha seca que cai do galho mais alto no outono não desaparece do mundo quando atinge o chão. Ela repousa sobre a terra úmida, recebe a visita da chuva, se desfaz sob o trabalho silencioso dos insetos e dos fungos e se transforma em adubo. Meses depois, as raízes da mesma árvore bebem os nutrientes daquela folha dissolvida, fazendo com que a sua matéria suba novamente pelo tronco até se transformar em um novo broto verde na primavera. A folha velha não morreu para o nada; ela deslizou para dentro do solo para alimentar a juventude da árvore. A vida se sustenta na sua própria capacidade de se reescrever.

Essa ausência de saltos é o que garante a eternidade da substância única. As estações do ano se sucedem sem que haja uma fronteira nítida entre elas; o inverno não espera

o seu último segundo para dar lugar à primavera através de um golpe de mágica. Há um namoro demorado entre o frio e o calor, onde os dias vão ganhando minutos de luz de forma quase imperceptível, até que o mundo se veja florido. O tempo não é uma linha pontilhada feita de pedaços soltos de segundos que colidem uns com os outros. O tempo é o próprio fluxo da eternidade se experimentando no presente, um rio calmo e profundo que corre sem pressa porque sabe que não tem nenhum oceano fora de si para alcançar.

Nós também estamos imersos nessa continuidade absoluta. O corpo humano não entra no espaço físico ou no mundo como se estivesse vindo de um camarim secreto de outro universo, e não desaparece para um além misterioso quando o coração deixa de bater. Nós sempre pertencemos ao mundo, antes do nascimento e depois da morte. O nascimento é apenas a matéria do universo que se

concentrou e acelerou o seu ritmo em uma forma específica; a morte é essa mesma matéria que desacelerou e se espalhou para fazer parte do silêncio geral. Mudamos de forma, de estado e de ritmo, mas a água de que somos feitos continua a ser a mesmíssima água que move o cosmos inteiro.

Como uma nota musical que muda de tom, o corpo humano apenas altera sua frequência. Quando um violão é tocado, a corda vibra e enche a sala com um som que viaja pelas paredes, toca os móveis e atinge o peito de quem escuta. Quando os dedos saem da corda, o som parece sumir. Mas ele não vai para o nada. A vibração da corda se transformou em ondas de ar, que viraram calor sutil nas paredes, que se misturaram ao movimento invisível da sala. A nota não foi destruída; ela apenas se espalhou pelo ambiente, tornando-se parte do silêncio que nos envolve. A nossa existência individual funciona exatamente assim:

somos um acorde que o universo toca por um tempo. Quando a nossa forma silencia, a nossa energia continua a vibrar na música geral do mundo.

Esta ausência de limites claros se mostra em cada pequeno canto do dia. Se olhamos para uma poça de água que evapora sob o sol da tarde, não vemos um corte entre o líquido e o gasoso. A água da chuva que estava no chão vai se tornando leve, invisível aos olhos, e sobe para fazer parte do azul do céu. Não houve uma perda ou um desaparecimento. O que estava embaixo agora flutua em cima. Mais tarde, essa mesma umidade vai se juntar em nuvens pesadas e descer novamente em forma de gotas sobre a terra seca, reiniciando o trajeto. Nada se perde, porque não há para onde ir fora do Todo. O universo é uma bacia fechada onde a matéria dança, muda de nome, mas nunca deixa o recinto.

Por isso, a ideia de que somos criaturas isoladas que caminham "dentro" de um mundo cenário perde toda a sua força quando observamos a realidade com atenção. Nós não fomos jogados na terra como pedras que caem em um poço. Nós somos a própria terra que ganhou pernas, que aprendeu a respirar e que agora caminha sobre si mesma. O chão que pisamos é feito dos mesmos átomos que formam os nossos ossos; o ferro que corre no nosso sangue veio do mesmo centro da terra que derrama lava pelos vulcões. Não existe uma linha divisória que diga: aqui termina o mundo e aqui começa o homem. Somos uma continuidade perfeita, um único tecido que se dobra e desdobra para experimentar a vida de todas as maneiras possíveis.

Essa percepção traz um alívio imenso para o peito que costuma sofrer com a solidão. O isolamento é uma ficção criada pela pressa dos nossos dias e pela miopia dos nossos

olhos. Quando desaceleramos o ritmo e sentimos o ar entrar nos pulmões, percebemos que nunca estivemos sozinhos. Estamos conectados a cada folha, a cada rocha, a cada bicho e a cada estrela pela corrente de uma substância que é eterna e sagrada. Não há um salto entre o eu e o mundo. Somos a onda que se ergue no oceano infinito, mudando de contorno a cada segundo, mas sempre feita da mesmíssima água que sustenta o mar inteiro.

Esta água imensa não conhece o repouso absoluto, mesmo quando a superfície do mar parece um espelho intocado pelo vento. Por baixo da calmaria aparente, correntes profundas cruzam oceanos, águas frias dos polos mergulham em direção ao equador e o calor das profundezas sobe para arejar a superfície. O silêncio da matéria é sempre aparente; por dentro dela, a energia trabalha sem cessar. Da mesma forma, quando nos

sentamos em silêncio numa cadeira, na calada da noite, e achamos que nada está acontecendo, o nosso corpo continua a ser um turbilhão de movimentos invisíveis. Nossas células se renovam, o sangue completa circuitos complexos, e o cérebro reorganiza as memórias do dia. Não há um momento sequer de paralisia na substância única. Existir é agir.

Pense no ferro que sustenta as vigas da sua casa. Ele parece o exemplo perfeito de algo morto, rígido e fixo no espaço. Mas a física do corpo sabe que os átomos daquele metal vibram em um ritmo próprio, respondendo à temperatura do ambiente, contraindo-se no frio da madrugada e expandindo-se sob o sol do meio-dia. A casa inteira respira junto com o clima, acomodando-se no solo, cedendo milímetros ao peso da terra e conversando com a gravidade. O concreto e o ferro não são passivos; eles sustentam o teto

com a força ativa de sua própria resistência natural. Deus também se expressa na solidez do metal que segura as paredes, dividindo com os homens a tarefa de manter o teto erguido.

Se observarmos o fogo que queima na lareira ou no fogão, vemos a transformação acontecer diante dos nossos olhos sem nenhum corte no tecido da realidade. A madeira seca que se consome na chama não está sendo destruída para virar o nada. O carbono do tronco se transforma em fumaça que sobe pela chaminé e se mistura com o ar da cidade, enquanto o calor gerado se espalha pelas paredes do cômodo e aquece as mãos de quem está perto. O que era árvore virou luz, virou cinza e virou calor. O fogo é apenas o alfaiate do universo, mudando o corte da roupa da matéria em alta velocidade. O calor que nos aquece agora é a mesma energia solar que a árvore guardou dentro de si

durante anos de crescimento silencioso na floresta.

Essa dança contínua das formas desfaz a ilusão de que as coisas ao nosso redor são propriedades privadas ou objetos isolados. O livro que você segura nas mãos, a mesa de madeira onde apoia os braços e o café que ferve na xícara são apenas paradas temporárias na viagem eterna da matéria. A madeira da mesa já foi semente, folha e sombra; o café já foi chuva no solo de uma montanha distante e suor na pele do agricultor que colheu o grão. Tudo o que tocamos é um cruzamento de caminhos, um nó temporário feito no mesmo cordão infinito da existência. Nós não possuímos as coisas; nós apenas partilhamos o mesmo espaço de tempo com elas, celebrando o fato de estarmos vivos na mesma grande casa cósmica.

Esta harmonia de que fazemos parte não é um caos cego, mas uma ordem geométrica tão precisa que, séculos mais

tarde, faria as mentes mais brilhantes da ciência curvarem a cabeça em sinal de respeito. Um físico de cabelos brancos e olhos profundos, ao ser questionado sobre o que guiava seus cálculos sobre o universo, respondeu ao mundo que sua fé repousava no Deus de Spinoza. Ele não buscava um senhor que distribui milagres ou castigos, mas a inteligência matemática e sutil que se revela na harmonia de tudo o que existe. Quando a ciência moderna descobriu que o tempo e o espaço não são palcos vazios, mas um tecido elástico que se dobra sob o peso das estrelas, ela estava apenas redesenhando a grande verdade imanente: o universo é um corpo único e a gravidade é a sua respiração mecânica.

A matéria que os cientistas tentam quebrar em partículas cada vez menores confessa a mesma unidade nas profundezas do átomo. O que chamamos de sólido é, na

verdade, pura energia vibrando em uma velocidade que os nossos olhos percebem como forma. Se acelerarmos o olhar para além do que a vista alcança, descobriremos que não existem barreiras reais entre a luz e o ferro. Tudo o que existe é luz aprisionada ou luz em movimento. A física e a poesia dão as mãos no escuro da matéria para afirmar que o universo é uma substância que se desdobra em energia e se condensa em carne. Einstein e Spinoza olharam para o mesmo céu e compreenderam que a natureza não tem segredos escondidos atrás de um véu; ela é o próprio véu, o próprio mistério e a própria resposta, inteiramente contida em cada centímetro de espaço.

Essa presença única se manifesta no mundo através de um esforço silencioso e obstinado que pulsa em cada criatura. Há um ímpeto secreto em tudo o que vive, uma insistência em não desaparecer. Um filósofo chamou essa força de força

de existir. Uma rocha esquecida no fundo do vale resiste ao tempo, à chuva e ao vento com toda a energia de sua solidez; ela quer continuar sendo rocha, defendendo a sua forma contra a erosão com uma teimosia sagrada. Uma semente enterrada sob o asfalto pesado da cidade não pede licença para brotar; ela rasga a escuridão, empurra o concreto e racha a calçada porque carrega em si a urgência de se tornar árvore. Este esforço é o próprio pulsar de Deus na matéria. Nós não recebemos a vida de forma passiva; nós somos a própria vida se afirmando a cada batida do coração, lutando para manter a nossa luz acesa no meio da correnteza do tempo.

Nos orgulhamos muitas vezes de uma liberdade absoluta que não possuímos de fato. Julgamos que cada passo que damos, cada escolha que fazemos no cardápio do dia ou cada palavra que pronunciamos nasce de uma vontade

totalmente soberana e isolada das forças da terra. Essa ilusão de controle se desfaz quando percebemos que somos movidos por causas invisíveis. Pense em uma pedra que é lançada ao ar por uma mão forte. Se essa pedra, no meio do seu voo, ganhasse um lampejo de consciência, ela certamente acreditaria que está voando por vontade própria, orgulhosa de sua trajetória e certa de que escolheu o seu ponto de descida. Nós somos como essa pedra em pleno voo. Sentimos os nossos desejos, mas ignoramos os ventos e as forças que os acenderam em nosso peito. A verdadeira sabedoria não está em fingir que somos deuses fora da engrenagem, mas em compreender os fios que nos movem, aceitando que a nossa liberdade é a própria consciência de fazermos parte do Todo.

Essa consciência nos leva a uma imortalidade que não depende de promessas de paraísos ou de medos do inferno. O

que há de mais profundo em nossa mente não pode ser desfeito pelo tempo ou apagado pelo fim do corpo físico. Quando compreendemos uma verdade eterna — como a harmonia de uma equação matemática, a lógica de uma lei natural ou a pureza de um afeto verdadeiro —, a nossa mente passa a habitar o mesmo plano da eternidade. Aquilo que pensamos de forma clara e verdadeira deixa de pertencer à nossa pequena biografia e passa a fazer parte do acervo eterno da própria substância. O corpo que agora segura este livro é mortal em sua forma, mas a inteligência que compreende estas palavras já provou do gosto do infinito. Não precisamos esperar pelo fim dos tempos para encontrar o divino; nós já estamos dentro dele, navegando em suas águas eternas a cada instante de lucidez.

Essa eternidade que a mente pressente no silêncio dos dias não pertence apenas aos cálculos dos físicos ou às teses dos

geômetras. Ela pulsa no testemunho daqueles que ousaram olhar para a matéria com os olhos desarmados da poesia e da filosofia viva. Muitos séculos depois do nosso filósofo ter sido exilado por suas ideias, um pensador de bigodes espessos e mente incendiária caminhava pelas margens de um lago cristalino na Suíça, cercado por montanhas cobertas de gelo. Ali, na solidão de Sils-Maria, ele parou diante de uma imensa pedra cinzenta que se erguia como uma pirâmide à beira da água. Foi no impacto daquele encontro físico com o granito que ele compreendeu que o tempo não é uma estrada que caminha para a frente e desaparece no vazio do esquecimento.

Olhando para a rocha suíça, ele sentiu o peso do eterno retorno: a certeza de que a ampulheta da existência se volta de cabeça para baixo uma vez e outra, e nós com ela, até o infinito. Se a matéria do mundo é uma bacia fechada e o

tempo não tem fim, cada forma que o universo assume está condenada e abençoada a se repetir. O abraço que damos hoje, a lágrima que escorre agora e a leitura destas linhas não acontecem pela primeira vez. Elas já ecoaram nas dobras do passado e voltarão a vibrar no futuro, com a mesmíssima intensidade. A pedra de Sils-Maria e o lago da Suíça continuam lá, testemunhando que o instante presente não é passageiro; ele é um fragmento da própria eternidade esculpido no tempo. O pensador da montanha soube, naquele instante, que partilhava o mesmo sangue espiritual de Spinoza, pois ambos sabiam que a vida não precisa de um final feliz fora do mundo para ter sentido, uma vez que cada segundo já carrega em si o peso do infinito.

Esse mesmo mistério da matéria divina atormentou a imaginação de um poeta cego na Inglaterra mística,

quando ele tentou narrar a história da criação em versos que pareciam música de catedral. Ao ditar as linhas sobre o início dos tempos, o poeta Milton recusou a velha ideia de que um Deus solitário teria estalado os dedos para fazer o universo brotar do nada absoluto. A intuição do poeta foi mais profunda e perigosa. Ele escreveu que o Criador moldou as estrelas, o sol e a própria terra retirando a matéria de dentro do seu próprio ser. O caos primitivo e a poeira cósmica não eram realidades estranhas à divindade; eram pedaços do próprio corpo divino que se estendia para ganhar novas texturas. Até mesmo o erro e a escuridão faziam parte desse oceano sagrado. A poesia de Milton, mesmo presa aos mitos antigos, esbarrou na grande verdade geométrica: não há duas substâncias no universo. O mundo não é um objeto que Deus fabricou em sua oficina cósmica e depois deixou de lado; o mundo é o

próprio Deus se fazendo visível através do ritmo das formas.

Quando juntamos a intuição do poeta inglês com a rocha do filósofo na Suíça, percebemos que a nossa biografia é um detalhe precioso dentro de um plano contínuo. Não fomos criados por um capricho, nem caminhamos em direção ao esquecimento. Estamos amarrados à mesma corda que sustenta o voo do condor nos Andes, o desabrochar da orquídea na selva e a fusão do hidrogênio no coração das galáxias. Quando aceitamos que a criação é um processo contínuo e interno da própria natureza, o medo do erro e a culpa teológica perdem o seu sentido. Não há um tribunal fora do mundo esperando as nossas falhas para nos condenar ao fogo eterno. O único castigo para quem ignora a substância única é a própria tristeza de viver isolado, acreditando-se uma ilha de dor cercada de vazio por todos

os lados. A salvação não é um passaporte para depois da morte; é o ato de abrir os olhos agora e perceber que o chão onde pisamos é solo sagrado, que o ar que respiramos é o sopro divino e que nunca, nem por um segundo, estivemos fora da nossa verdadeira casa.

Essa certeza transforma o cotidiano mais simples em um ritual de pura percepção. Lavar as mãos na pia da cozinha, observar o óleo flutuando na água da panela ou sentir o peso do próprio corpo na cadeira antes de dormir deixam de ser gestos automáticos. Eles passam a ser a nossa maneira de tocar o corpo de Deus. A água que escorre pelos dedos carrega a força dos oceanos de Milton; a resistência da cadeira sob o nosso peso é a mesma solidez da pedra de Nietzsche na Suíça; e a luz que nos permite enxergar a sala é a harmonia geométrica que encantou Einstein. O monismo imanente não nos afasta da matéria; ele nos joga

de cabeça nela, mostrando que o sagrado não está nas alturas inacessíveis do céu, mas escondido na textura das coisas comuns, esperando apenas o nosso olhar atento para se revelar por inteiro.

Se o sagrado habita a textura das coisas comuns, ele também se revela na forma como os corpos se associam para criar potências ainda maiores. Um filósofo que passou a vida lapidando lentes de vidro percebeu que o universo não é apenas um amontoado de objetos estáticos, mas um jogo eterno de composições e decomposições. Quando misturamos farinha, água e fermento, essas matérias renunciam a suas formas isoladas para compor um corpo novo e nutritivo: o pão. Nenhum elemento foi destruído para o nada; eles se uniram em uma proporção perfeita que ampliou a força de existir daquela matéria. A vida é esse esforço constante de encontrar combinações que aumentem o nosso vigor.

Quando nos unimos a um amigo, a um bom livro ou a uma causa justa, não estamos apenas somando dois indivíduos. Estamos criando um corpo coletivo mais forte, uma onda mais alta no oceano da substância, que permite à energia divina circular com mais velocidade e luz através de nós.

O oposto também acontece na mecânica do mundo, e a isso damos o nome de destruição. Quando o veneno entra no corpo de uma criatura, ou quando o fogo consome uma floresta, não há uma vitória do mal sobre o bem em termos metafísicos. O que chamamos de tragédia é apenas uma decomposição de forças. O veneno e o sangue pertencem ao mesmo universo e são feitos da mesma substância única. Mas as suas leis internas e os seus ritmos não se encaixam bem. O veneno desfaz a proporção harmônica do sangue, obrigando aquela matéria a se reorganizar sob outra

forma, em outro ritmo. O corpo do animal deixa de ser um indivíduo vivo e passa a ser adubo para o solo. A natureza não chora pela perda da forma antiga, porque ela não perdeu nenhum pedaço de si mesma. Ela apenas desfez um nó para começar a tecer outro padrão no imenso tapete da existência.

Essa percepção nos afasta da velha ilusão de que o mundo foi feito sob medida para a nossa conveniência e conforto. Muitas vezes nos revoltamos com as tempestades que destroem plantações, com os terremotos que sacodem as cidades ou com as doenças que enfraquecem a nossa carne, como se o universo estivesse cometendo uma injustiça pessoal contra nós. Julgamos a natureza a partir do nosso pequeno ponto de vista, chamando de perfeito o que nos agrada e de imperfeito o que nos contraria. Mas a substância infinita não obedece aos nossos caprichos humanos. A tempestade

que alaga a colheita é a mesma água que alimenta os lençóis freáticos e garante a umidade do planeta. O sol que queima a pele no deserto é a mesma energia que sustenta a fotossíntese de todas as florestas da terra. O universo é perfeito em sua totalidade porque tudo o que acontece nele é a expressão necessária de suas próprias leis eternas.

Viver sob essa ótica significa trocar o medo pela aceitação ativa da realidade. Não se trata de uma resignação covarde ou de uma passividade diante da dor, mas de uma compreensão profunda de que fazemos parte de uma engrenagem imensa e bela. Quando paramos de exigir que a natureza se comporte como uma mãe mimada dedicada exclusivamente aos nossos desejos, passamos a respeitar a sua grandeza selvagem e horizontal. O homem deixa de ser um espectador mimado no teatro do mundo e se torna um participante consciente da sinfonia cósmica. Aprendemos a

surfar nas ondas da alegria quando a nossa potência aumenta, e a acolher os momentos de recolhimento com a certeza de que a tristeza também é apenas uma modulação temporária. Nenhuma tempestade dura para sempre, e nenhuma noite consegue impedir que a luz da substância volte a deslizar pelas frestas do mundo, transformando o nosso olhar e devolvendo-nos a paz de quem sabe que nunca sairá de casa.

Esta certeza de pertencimento absoluto desafia o modo como o pensamento ocidental organizou a vida durante séculos. Fomos ensinados a enxergar barreiras em toda parte: dividimos o mundo entre o natural e o artificial, o orgânico e o mecânico, o vivo e o morto. Mas se olharmos com a paciência de quem contempla o crescimento de uma árvore, essas fronteiras começam a se dissolver na mesma água comum. Uma colmeia de abelhas construída no

tronco de uma árvore é considerada um fenômeno natural da biologia; um arranha-céu de concreto e vidro erguido pelo ser humano no centro de uma metrópole é rotulado como algo artificial. No entanto, ambos nascem do mesmo impulso de sobrevivência de espécies que partilham a terra. O cimento, o ferro e o vidro do edifício não vieram de outro planeta; são pedaços de rocha, de areia e de minérios extraídos do chão e reorganizados pela mão humana. O prédio é apenas a própria terra que mudou de geometria através do trabalho de um de seus filhos. Tudo o que a humanidade cria, fabrica ou projeta é a própria natureza continuando a se inventar e a se estender pelo espaço.

Essa compreensão elimina o abismo que criamos entre nós e a tecnologia que nos cerca. Uma máquina complexa, um computador ou uma fiação elétrica que cruza as cidades não são monstros alienígenas que violam a pureza do

planeta. Eles obedecem às mesmíssimas leis da física e da eletricidade que governam os raios em uma noite de tempestade e os impulsos elétricos que cruzam os nossos neurônios quando tomamos uma decisão. Há uma dignidade idêntica na corrente que acende a tela de um aparelho e na força que move as águas de uma cachoeira. Deus não prefere o silêncio da floresta ao barulho das fábricas, porque a sua substância única preenche o ferro e o silício com a mesma perfeição com que preenche a seiva e o sangue. A engenhosidade humana é apenas a própria natureza pensando em alta complexidade, desdobrando os seus atributos em novas linguagens e novas formas de existir.

Esta mesma visão horizontal inspirou cientistas no século vinte a olharem para a biologia com os olhos do monismo, mesmo sem citarem diretamente as velhas páginas da

filosofia clássica. Quando os pesquisadores começaram a decifrar o código genético que se esconde no núcleo de cada célula viva, eles descobriram uma verdade profundamente espinosense : todos os seres vivos da terra utilizam exatamente o mesmo alfabeto para escrever as instruções da vida. O código que diz à célula de uma bactéria como se reproduzir no fundo do oceano é feito dos mesmos blocos químicos que determinam a cor dos olhos de uma criança ou o formato da folha de uma samambaia. Não existem códigos sagrados para uns e malditos para outros. A vida na Terra é uma única e imensa frase contínua, escrita com quatro letras químicas que se combinam em variações infinitas. A árvore, o lobo, o pássaro e o homem são apenas sotaques diferentes de uma mesma língua materna.

Saber que dividimos a mesma escrita biológica com a menor criatura do planeta transforma a nossa ética e o

nosso orgulho em cuidado silencioso. Percebemos que não fomos colocados no mundo para sermos os administradores ou os capatazes da criação. Se machucamos a teia viva que sustenta as florestas ou poluímos o ar que circula pelos continentes, não estamos apenas destruindo um cenário externo; estamos mutilando o nosso próprio corpo estendido. O monismo imanente não tolera a distância do observador neutro. Não existe neutralidade em um universo onde tudo é feito da mesma carne. Quando um homem planta uma semente e cuida do seu crescimento, ele está alimentando a si mesmo; quando ele destrói o solo por ganância, está cavando a sua própria escassez. A verdadeira justiça não é uma promessa para o fim dos tempos, anotada nos livros de um juiz celestial; ela é a lei física imediata do retorno afetivo: o que fazemos ao Todo, fazemos instantaneamente a nós mesmos.

Esta engrenagem invisível e imediata é o que afasta o monismo imanente de qualquer misticismo vago ou distante. Sentir que somos parte do corpo divino não exige que fechemos os olhos para o mundo físico em busca de um transe espiritual; exige, ao contrário, que abramos os olhos com o triplo da atenção para a matéria que nos cerca. Quando um cientista passa horas analisando o movimento de uma colônia de bactérias sob a lente de um microscópio, ou quando um astrônomo calibra lentes gigantescas para registrar a curva de luz de uma estrela que colapsou há milhões de anos, eles estão realizando o mesmo ato devocional. Estão decifrando a caligrafia da única substância. A curiosidade científica é o próprio universo tentando compreender os seus próprios limites. Não há profanação na busca pelo conhecimento, pois não existe um mistério escondido por trás da cortina que a inteligência

humana não tenha o direito de tentar iluminar.

Se aceitamos que o pensamento e a extensão no espaço caminham juntos, cada avanço da nossa mente expande também a nossa capacidade de mover o corpo com segurança e liberdade. A ignorância e o preconceito são os únicos fatores que realmente constrangem a nossa força de agir. Quando acreditamos que uma doença é o castigo de uma força oculta, ou que a pobreza de uma população é a vontade imutável de um destino caprichoso, nós nos curvamos diante do medo e nos paralisamos. Mas quando a inteligência descobre os mecanismos físicos da infecção ou as engrenagens históricas da desigualdade, a nossa potência de agir dá um salto. Nós saímos da posição de vítimas passivas de forças desconhecidas e nos tornamos agentes conscientes da nossa própria preservação. A liberdade não é a quebra das leis da natureza; a liberdade é o

conhecimento dessas leis colocado a favor da expansão da vida.

Essa busca por expansão explica o motivo pelo qual certas ideias e certos afetos encontram tanta ressonância ao longo dos séculos, saltando de mente em mente como uma faísca que incendeia uma floresta seca. Uma verdade geométrica, uma melodia perfeita ou um poema que traduz exatamente a dor de uma perda não morrem com os seus criadores. Eles continuam vivos porque ativam a mesma frequência na substância que todos nós compartilhamos. Quando você lê uma frase escrita por um homem que viveu há trezentos anos e sente o peito se aquecer de compreensão, o tempo cronológico se desfaz. Não são duas mentes distantes conversando através de um canal de papel; é a mesma inteligência eterna do universo que se reconheceu em dois pontos diferentes da sua própria extensão. A arte e a

filosofia são as pontes flutuantes que a substância lança sobre o rio dos anos para nos lembrar de que a separação é apenas uma névoa passageira.

Ao caminharmos pelas ruas de uma cidade movimentada, cercados por rostos desconhecidos, carros apressados e vitrines iluminadas, essa percepção se torna o nosso escudo contra a alienação e o cansaço. O operário que aperta um parafuso na linha de montagem, a mulher que carrega sacolas de compras sob o sol quente e o jovem que fita a tela de um aparelho não são átomos isolados flutuando sem rumo na imensidão de concreto. Suas vidas estão amarradas pelas mesmas necessidades biológicas, pelos mesmos anseios afetivos e pelo mesmo esforço contínuo de preservar a existência. Partilhamos a mesma dignidade de poeira e divindade. Olhar para a multidão com os olhos da imanência é perceber que não há estranhos no mundo.

Cada pessoa que cruza o nosso caminho é uma variação da mesma carne viva, uma nota diferente na mesma música infinita que o universo teima em tocar todos os dias, sem pressa e sem fim.

Este fluxo sem fim desmorona as velhas narrativas de que fomos expulsos de um jardim original ou de que carregamos na carne uma culpa antiga pela nossa própria imperfeição. Se Deus é o próprio mundo, não há pecado original que possa nos afastar da nossa essência sagrada. A nossa única imperfeição real é a falta de conhecimento sobre o que realmente somos. Um homem que passa a vida acreditando que é um ser isolado, em guerra contra a natureza e contra os outros homens, assemelha-se a uma gota de chuva que cai do céu e luta contra o oceano quando atinge a superfície da água. Ela teme desaparecer, teme perder o seu contorno pequeno, sem perceber que ao se

misturar ao mar ela ganha a força das marés e o tamanho dos horizontes. O monismo imanente não anula a nossa existência individual; ele a liberta do peso de ter que carregar o mundo nas costas, mostrando que somos o próprio mundo em ação.

Essa liberdade se reflete na forma como passamos a lidar com o mistério do amanhã. Quem vive sob a ilusão do cenário costuma gastar a energia do presente construindo fortalezas de ansiedade ou acumulando tesouros de arrependimento. Teme o futuro porque o enxerga como um monstro desconhecido que avança em sua direção para roubar o que possui. Mas o amanhã não vem de outro lugar; ele é a semente que o dia de hoje está plantando no solo do tempo. O que chamamos de futuro é apenas o desdobramento inevitável e necessário das forças que estão agindo agora na matéria. Ao cuidarmos da clareza dos

nossos pensamentos e da qualidade dos nossos afetos no presente, estamos escolhendo a direção da correnteza que moverá os nossos corpos logo mais. A paz de espírito não nasce da certeza de que nada de ruim vai nos acontecer, mas da confiança absoluta de que, venha o que vier, estaremos amparados pelas mesmas leis eternas que sustentam o cosmos inteiro.

Podemos enxergar essa harmonia na precisão cega com que a luz do sol viaja pelo vazio do espaço até encontrar a atmosfera da terra. Os raios de luz não precisam de um mapa ou de uma ordem diária para saberem como se comportar quando atravessam o ar e tocam a superfície de uma folha verde. A física da refração e a química da fotossíntese acontecem sem discursos, sem julgamentos e sem hesitação. É o Todo operando em sua máxima perfeição geométrica. Quando um poeta se senta diante de uma folha

em branco e tenta traduzir essa mecânica em palavras simples, ele não está inventando uma beleza que não existia; ele está apenas permitindo que a substância use a sua voz e a sua linguagem humana para se descrever. A escrita deste livro não é um ato de orgulho isolado; é o próprio tecido da realidade se dobrando sobre si mesmo para deixar um rastro de tinta no papel.

Ao fecharmos a janela do quarto no final da tarde e observarmos as sombras que voltam a se esticar pelas paredes da casa, percebemos que o ciclo do dia não é uma perda, mas uma mudança sutil de ritmo. A luz que se esconde na linha do horizonte vai iluminar as manhãs de homens e mulheres em outras paragens da terra, cruzando oceanos e montanhas com a generosidade de quem nunca para de se doar. O universo não conhece o desperdício. O calor que se dissipa da calçada serve para equilibrar o

vento da noite, a folha que seca alimenta o solo e o corpo que descansa se prepara para o amanhã. Não há um salto de um estado para o outro totalmente diferente. A noite é apenas o dia que virou o seu avesso para que pudéssemos enxergar as estrelas.

Olhar para as estrelas no céu escuro da noite não é uma fuga da nossa realidade terrena, mas o reconhecimento de que os nossos olhos são feitos da mesma matéria que brilha no infinito. Os átomos de oxigênio, carbono e ferro que circulam no nosso corpo e nos permitem pensar foram forjados bilhões de anos atrás no coração de astros que já deixaram de existir. Nós trazemos o universo gravado na nossa própria biologia. Não há distância metafísica entre o pó da estrada e a luz de uma galáxia distante. Quando contemplamos a imensidão do espaço, não estamos olhando para um teto estrangeiro; estamos fitando a nossa própria

certidão de nascimento cósmica. O céu noturno é apenas a substância única revelando a sua imensidão para si mesma através da retina de um homem que se aquece sob o teto de sua casa.

Essa presença sem barreiras desfaz o mito de que o silêncio do mundo é uma ausência de sentido. O silêncio que se instala nas ruas na madrugada não é o vazio de um teatro abandonado, mas a calmaria de quem acumula forças para o próximo movimento. As forças da gravidade continuam a puxar os corpos na direção do centro da terra, as correntes de ar continuam a equilibrar as temperaturas do continente e as plantas continuam a converter a humidade do solo em vida. Tudo funciona com a precisão de um relógio que nunca precisou de corda porque ele próprio é o tempo. Quando a mente humana se aquieta e acompanha esse silêncio, ela descobre que a verdadeira paz

não é a falta de barulho, mas a consonância perfeita com as leis necessárias do Todo. Nós deixamos de lutar contra o que existe e passamos a deslizar na correnteza das coisas com a leveza de uma folha que flutua no rio.

Essa aceitação do fluxo transforma também a nossa maneira de lidar com os encontros mais difíceis do cotidiano. Se alguém nos atinge com uma palavra dura ou um gesto de incompreensão, a nossa primeira reação costuma ser o revide ou o isolamento na dor, como se aquele ataque viesse de um ser maligno e exterior à nossa realidade. Mas o olhar da imanência nos mostra que aquela agressão é apenas a modulação de uma potência enfraquecida. O outro que agride está sofrendo a sua própria diminuição de energia, arrastado por causas que ele próprio desconhece. Ao compreendermos o mecanismo que gerou o afeto triste, a raiva se dissolve em nós e dá lugar

a uma lucidez compassiva. Não precisamos amar o veneno, mas podemos compreender a física que o fez agir, protegendo a nossa própria força de existir sem espalhar mais sombras pelo tecido comum do mundo.

Esta teia de retornos e afetos imediatos, onde cada ação nossa repercute instantaneamente no Todo, passou muitos séculos escondida sob as sombras espessas de um longo inverno do pensamento humano. Durante centenas de anos, uma grande muralha de medo foi erguida entre o homem e a terra. Olhando para trás, para os séculos em que o mundo se cobriu com o manto de uma teologia do julgamento, percebemos como a mente humana foi ensinada a se encolher diante da sua própria casa. Criou-se a ficção de um Deus que habitava fora e acima da realidade, um imperador distante assentado em um tribunal invisível, ocupado apenas em vigiar as falhas de

suas criaturas e em medir o tamanho de suas culpas. O mundo físico, a carne, o prazer de respirar e a própria beleza da matéria foram rotulados como lugares de tentação, pecado e exílio. O homem passou a caminhar sobre o solo como um estrangeiro assustado, um prisioneiro que aguardava a sentença final, acreditando que a sua verdadeira pátria estava guardada em um além inacessível após a morte.

Essa visão de um Criador separado de sua criatura gerou uma profunda diminuição da nossa potência de agir. Quando o ser humano acredita que a sua própria natureza é ruim e que o mundo ao seu redor é um cenário maldito, ele perde a força de existir e se entrega ao controle das superstições. O medo do inferno e a promessa de um paraíso distante tornaram-se as rédeas com que as velhas doutrinas guiaram a multidão pelo deserto da angústia. Esquecemos

que a relva que pisamos, a água que sacia a nossa sede e o sangue que corre nas nossas veias são manifestações da mesma e única substância sagrada. A herança dessas sombras antigas ainda ecoa na solidão dos nossos dias, toda vez que nos sentimos isolados, desamparados ou culpados pelo simples fato de ocuparmos um lugar no espaço. Mas a verdade da imanência estava apenas esperando o momento de ser redescoberta por um olhar que não se deixasse cegar pelas frestas do medo.

Esse olhar corajoso custou caro ao homem que ousou pronunciar o nome de Deus como sinônimo da própria Natureza. Na Europa do século dezessete, cercado por dogmas que tentavam reviver as velhas intolerâncias medievais, um jovem filósofo de olhos calmos foi empurrado para o centro de uma tempestade de ódio. Suas ideias, que libertavam a divindade do trono do julgamento

e devolviam o sagrado à matéria comum, foram recebidas como heresias monstruosas pelos guardiões da fé tradicional. A punição que lhe impuseram não foi apenas a crítica ou o debate de ideias; foi o silêncio absoluto do banimento social. Através de um decreto terrível, ele foi amaldiçoado de dia e de noite, expulso de sua comunidade e isolado do convívio de todos os que conhecia. Ninguém podia falar com ele, ninguém podia lhe escrever uma linha, ninguém podia ler as suas palavras ou se aproximar a menos de quatro passos do seu corpo. Ele foi transformado em um fantasma vivo no meio de sua própria cidade.

A violência contra o seu pensamento chegou a tomar a forma de uma lâmina de aço, quando um fanático o atacou com uma faca na saída de um teatro, nas escadarias da sinagoga. A faca rasgou apenas o seu manto, poupando a sua carne por um milagre da mecânica dos

corpos. Diante daquela agressão, o filósofo não buscou a vingança, não alimentou a raiva e não se deixou arrastar pela tristeza que diminui a alma. Ele guardou a capa rasgada como um lembrete físico de que o erro dos homens nasce da pura ignorância das causas. Em vez de lutar contra os seus perseguidores, ele escolheu a serenidade do recolhimento. Mudou-se para pequenas vilas no interior, longe das grandes cortes, e passou a ganhar a vida de uma maneira surpreendentemente poética: polindo lentes de vidro para óculos e microscópios. Enquanto as suas mãos desgastavam o vidro para torná-lo límpido, permitindo que os olhos humanos enxergassem a delicadeza dos insetos ou a distância das estrelas, a sua mente lapidava os conceitos da sua grande obra, limpando a mancha do medo que impedia a humanidade de enxergar o próprio Deus em todas as coisas.

Suportar o peso do exílio e a ameaça da morte sem perder a doçura e a clareza do pensamento foi a sua maior demonstração prática de filosofia. Ele não se via como uma vítima solitária sendo esmagada pelo destino; ele sabia que os seus inimigos também agiam movidos por causas necessárias, cegados pelas paixões tristes da soberba e do medo. O filósofo aplicou a si mesmo a sua própria tese: a certeza de que a nossa força de existir se fortalece quando compreendemos as leis do mundo, e não quando lutamos contra elas. Ele encontrou a sua liberdade não na aprovação do mundo, mas no silêncio do seu laboratório doméstico, cercado pelo pó de vidro e pela luz que atravessava as suas lentes. Ali, ele compreendeu que o homem que se unifica com o Todo não pode ser verdadeiramente isolado por nenhum decreto humano. As maldições das autoridades e as ameaças dos reis não

podiam alcançar a eternidade de uma mente que já se sentia surfando nas águas do oceano infinito da substância divina.

Esta substância divina, que acolhe tanto o pó de vidro do artesão quanto a luz que viaja pelas galáxias, não exige que construamos altares de pedra ou que pronunciemos orações decoradas no silêncio dos templos. A verdadeira devoção que o monismo imanente desperta é o próprio desejo de enxergar a realidade com a máxima nitidez possível. O filósofo, ao passar os seus dias curvado sobre a bancada de trabalho polindo lentes, compreendeu que o erro humano não é uma mancha de maldade que carregamos na alma, mas uma simples miopia do olhar. Nós sofremos e nos desesperamos porque enxergamos o mundo em pedaços pequenos, como se cada acontecimento fosse uma ilha isolada sem conexão com o resto do oceano. Quando a lente

do nosso pensamento é limpa dos resíduos do medo e do orgulho, passamos a ver as conexões invisíveis que amarram cada detalhe da vida. Compreendemos, enfim, que o que nos acontece não é o fruto do capricho de um destino cego, mas o resultado necessário e perfeito das leis eternas da própria natureza.

Essa clareza do olhar transforma profundamente a nossa relação com os afetos que nos movem diariamente. Enquanto permanecemos na ignorância, somos como folhas secas arrastadas por uma ventania de paixões tristes: passamos da esperança ao desespero em um piscar de olhos, odiamos quem nos contraria e tememos o amanhã como se ele fosse um monstro terrível. Nos tornamos escravos das circunstâncias externas. Mas quando a inteligência compreende as causas reais da nossa alegria e da nossa tristeza, a engrenagem da servidão começa a quebrar. O

filósofo demonstrou em seus escritos que um afeto triste deixa de ser uma paixão avassaladora assim que formamos uma ideia clara e distinta sobre ele. Se entendo o motivo real pelo qual sinto raiva, a raiva perde o seu veneno e se transforma em conhecimento. Nós deixamos de ser jogados de um lado para o outro pela tempestade do mundo e passamos a pilotar a nossa própria embarcação com a firmeza de quem conhece as correntes do mar.

A essa paz invencível, que nasce da união consciente da mente com a totalidade da natureza, deu-se o nome de beatitude. A beatitude não é o prêmio que recebemos no final de uma vida cheia de sacrifícios e privações, uma medalha de honra ao mérito concedida por um juiz celestial após cruzarmos a fronteira da morte. Ela é a própria virtude em exercício, a alegria imediata e plena de quem compreendeu o seu lugar no Todo. É o estado da

mente que parou de guerrear contra a realidade e aprendeu a repousar na certeza de que é uma parte ativa do corpo de Deus. O homem que alcança essa lucidez não precisa de ameaças de castigos ou de promessas de recompensas para agir com justiça e bondade. Ele cuida do mundo e respeita o seu semelhante pela mesma razão que cuida dos seus próprios olhos: porque sabe que ferir o outro é ferir a si mesmo, e que fortalecer a vida ao seu redor é a única maneira real de expandir a sua própria força de existir.

Essa serenidade não isola o indivíduo do convívio humano, nem o transforma em uma estátua de gelo indiferente às dores do mundo. Pelo contrário: quem enxerga a imanência da vida sente um desejo profundo de compartilhar essa liberdade com os outros. O filósofo, mesmo vivendo no exílio e recusando as honrarias e os

cargos de prestígio que as universidades lhe ofereciam para não ter que calar a sua voz, manteve uma rede de correspondências com cientistas, médicos e pensadores de toda a Europa. Em suas cartas, escritas com uma caligrafia firme e sem ornamentos inúteis, ele não tentava converter ninguém a uma nova religião ou debater dogmas teológicos. Ele apenas oferecia aos seus amigos a mesma lente de clareza que usava em sua oficina. Mostrava que a ciência que estuda a mecânica dos corpos e a filosofia que estuda a liberdade da mente usam o mesmo alfabeto da natureza. A amizade verdadeira, para ele, era o encontro de duas potências que se ajudam mutuamente a enxergar a luz do universo sem o peso das superstições que apequenam a alma.

Esta alma, liberta do peso que a encolhe, passa a compreender que a nossa existência não é medida por

regras abstratas ou por moldes ideais de perfeição inventados pela imaginação dos moralistas. A verdadeira perfeição de um ser é a sua própria realidade efetiva, a quantidade de força e de presença que ele consegue sustentar e expressar no mundo. Um filósofo atento aos movimentos mais íntimos da nossa carne percebeu que a vida pulsa em um jogo contínuo de forças físicas e emocionais a que chamamos de teoria dos afetos. Nós não somos estátuas de gesso; somos feixes de energia que mudam de intensidade a cada encontro. Na base de tudo o que sentimos, existe um desejo profundo, um impulso cego e sagrado de continuar respirando, de preservar o nosso contorno e de aumentar a nossa capacidade de agir. Quando o mundo ao redor nos ajuda nesse esforço, a nossa potência se eleva e o peito experimenta a alegria; quando o encontro nos agride e nos aperta, a nossa energia diminui e

o corpo mergulha na tristeza.

Todas as outras paixões que desenham e pintam o cotidiano da nossa história — o amor, o ódio, a esperança, o medo, a inveja, o orgulho e o ressentimento — são apenas variações e desdobramentos dessas três correntes primordiais: o desejo, a alegria e a tristeza. O amor surge quando a nossa alegria vem acompanhada da imagem de uma causa externa, de alguém ou de algo que identificamos como a fonte desse bem; o ódio é a própria ferida da tristeza que projetamos sobre a figura daquele que julgamos ter nos machucado. Não há mistério mágico ou maldade sobrenatural nessas correntes. Elas são a pura mecânica da matéria compartilhada. O ressentimento e a inveja nascem quando olhamos para a potência do outro a partir da nossa própria fraqueza, transformando o brilho alheio em uma sombra que encolhe a nossa alma. Viver sob o comando dessas

paixões tristes é o coração da servidão humana, o estado em que deixamos de agir a partir do nosso centro e passamos a apenas reagir, golpeados pelas circunstâncias como uma folha que a correnteza do rio arrasta sem rumo.

A grande virada da nossa existência acontece na fronteira que separa a paixão da ação, o que talvez seja o verdadeiro coração da ética imanente. Enquanto ignoramos as causas das coisas que nos tocam, somos seres puramente passivos, jogados de um lado para o outro pelos afetos que vêm de fora. A alma padece porque se torna refém do acaso. Mas no instante em que a inteligência clareia e passa a compreender o motivo real de cada impacto, nós saímos da posição de escravos do cenário e nos tornamos autores do nosso próprio movimento. Compreender por que amamos, por que tememos ou por que sentimos o estômago se apertar diante do outro é transformar a paixão em ação. A força

que antes nos esmagava passa a nos nutrir, porque o conhecimento é o único instrumento capaz de converter uma energia destrutiva em potência viva. O Deus de Spinoza não nos pede que anulemos os nossos sentimentos ou que castiguemos a nossa carne em busca de uma santidade fria e sem vida; ele nos convida a entender a física dos nossos afetos, mostrando que a verdadeira virtude não é o controle violento dos desejos, mas a alegria plena de quem aprendeu a usar a força do universo para expandir o próprio ser.

Esta expansão nos obriga a encarar de frente a estrutura mais profunda da realidade, onde nada acontece por acaso e tudo obedece a uma necessidade geométrica. Para o filósofo das lentes, a contingência é apenas uma ilusão nascida da nossa falta de informação. Quando dizemos que algo poderia ter sido diferente, ou que um evento

aconteceu por pura sorte, estamos apenas confessando que a nossa mente não foi capaz de enxergar os fios invisíveis que ligaram as causas aos seus efeitos. O universo é um tecido perfeitamente costurado, onde cada detalhe decorre inevitavelmente da natureza da substância única. Uma tempestade que desaba sobre uma plantação, a folha que cai no outono ou a batida do nosso próprio coração neste segundo são desdobramentos necessários de um mecanismo eterno. Aceitar esse determinismo absoluto não significa cruzar os braços diante de um destino fatalista, mas libertar a mente da angústia de lutar contra o que já é, encontrando a paz na compreensão de que fazemos parte de uma ordem imensa, inteligente e inquebrável.

Movimento V: O Amor Intelectual

(O Retorno ao Oceano)

Quando a poeira das velhas disputas teológicas se assenta e o ruído dos conceitos difíceis silencia no pensamento, o que sobra é apenas uma imensa e mansa clareza. Não precisamos de grandes volumes teóricos ou de palavras solenes para compreender o que a intuição do corpo já sabe desde o primeiro suspiro. Olhar para o mundo através do Deus de Spinoza é, acima de tudo, um ato de reconciliação e leveza. É perceber que a grande engrenagem do universo não funciona para nos vigiar, julgar ou punir, mas para nos sustentar no mesmo abraço eterno de sua matéria. O amor que esse olhar desperta não nasce do medo do castigo ou do desejo de barganhar uma salvação no além; ele é o puro contentamento da mente que descobre que nunca

esteve órfã, nunca esteve exilada e nunca esteve separada da fonte viva da realidade. É o sentimento profundo a que o filósofo deu o nome de amor intelectual, a alegria serena de quem compreende que amar o mundo é, simplesmente, amar a Deus.

Este amor não se explica em teses acadêmicas, porque ele se faz notar nas experiências mais sutis da nossa passagem pela terra. Ele está presente no instante em que contemplamos o mar e, por um segundo, esquecemos o nosso próprio nome, a nossa idade e as nossas pequenas angústias cotidianas, sentindo apenas o pulsar compassado das ondas como se fosse a nossa própria respiração estendida no horizonte. Ele se manifesta quando tocamos a terra úmida de um jardim e percebemos que aquela matéria escura e silenciosa trabalha sem cessar para erguer o milagre das flores e o sustento dos frutos. Não há distância entre o

criador e a criatura, porque a criatura é o próprio criador ganhando contorno, cor e movimento na fragilidade do tempo. Nós somos o olho com que o universo enxerga a sua própria beleza, o coração com que ele sente a sua própria força e a mão com que ele cuida de sua integridade.

Ao retirarmos as máscaras do orgulho e da vaidade que nos faziam acreditar que éramos o centro da criação, não nos tornamos menores ou insignificantes. Pelo contrário: nós ganhamos a dignidade absoluta de tudo o que existe por necessidade e direito próprio. O homem deixa de ser um rei decaído que chora por um paraíso perdido para se tornar a própria terra viva celebrando a sua eternidade no presente. O copo de água, a mesa de madeira, o vento que balança as cortinas e o pensamento que agora desenha estas linhas dividem o mesmo valor eterno. Caminhamos pela vida com o passo firme de quem sabe que cada milímetro de espaço é

solo sagrado. Não há transição para o nada, não há salto para fora da realidade. Somos ondas do mesmo oceano infinito, mudando de contorno sob o sopro dos dias, mas sempre feitos, ontologicamente, da mesmíssima água.

Essa certeza devolve a paz ao nosso caminhar e encerra de vez a ilusão de que somos indivíduos isolados que se movem dentro de um mundo cenário. O cenário caiu. O quarto, a rua, a multidão, as estrelas e o próprio narrador que se despede destas linhas revelam-se como um único e inseparável tecido contínuo. Pertencemos ao Todo de forma irrevogável, antes do nosso primeiro grito de recém-nascido e muito depois que a nossa voz silenciar na calada do tempo. Quando a onda do nosso corpo finalmente cansar e recuar, ela não desaparecerá no vazio; ela apenas se entregará ao volume total do mar, reincorporando-se ao fluxo eterno da matéria e da energia que nunca cessam.

Fecho os olhos e não há mais fronteiras na pele. O rio corre por dentro, o vento sopra no peito, a luz se acende na mente, e a música divina continua a tocar, imensa, eterna e imanente, em cada fresta do universo...

Epílogo

A Onda Recua

O silêncio que agora se aproxima não traz consigo o peso da despedida ou o amargor do esquecimento. O recuo da onda não é a sua destruição; é apenas o instante em que a crista que brilhou sob o sol renuncia ao seu formato individual para se lembrar do tamanho total do mar. A pele, que durante uma jornada inteira pareceu uma fronteira rígida e teimosa, desfaz-se como uma névoa fina tocada pelas primeiras claridades da manhã. Percebo, enfim, que morrer para uma forma é apenas nascer para o resto do mundo. A matéria que sustentou o meu nome, os meus passos e o meu olhar cansado não pede licença para sumir no vazio. Ela escorre suavemente pelo ralo do tempo, infiltra-se no solo úmido da terra e passa a nutrir a raiz profunda das árvores que herdarão o horizonte. Não há

um adeus real onde tudo é feito da mesma carne divina.

Minha história pessoal desbota e se dilui na imensidão da paisagem, como uma gota de tinta que cai em um balde de água límpida. No início, a gota desenha curvas, preserva a sua cor escura e parece dona de uma identidade separada; segundos depois, ela se espalha, mistura-se ao fluido e tinge todo o volume com uma tonalidade nova e sutil. Eu sou essa gota que aceita o seu destino de se tornar oceano. Os rostos que amei, as vozes que escutei e os afetos que elevaram a minha potência de existir não se perdem no passado. Eles ficam gravados na memória mecânica da própria substância única, vibrando eternamente nas dobras do espaço-tempo que ninguém pode apagar. O universo não esquece o rastro das formas que criou.

Se alguém, em um dia distante do futuro, encontrar este livro esquecido em uma estante poeirenta e passar os dedos

por estas linhas de tinta, o milagre da imanência se fará notar mais uma vez no silêncio do cômodo. Não serei eu, o indivíduo que escreveu, quem estará ali falando através das páginas; será a mesmíssima luz que agora ilumina os meus olhos que se acenderá na mente daquele leitor desconhecido. Estaremos, no calor daquela leitura, celebrando o fato de que somos feitos da mesma água eterna. A música continua. O compasso não erra. A onda recua, mas o mar permanece cheio, infinito e sagrado, banhando cada canto da realidade com a sua paz invencível...

Nota do Autor

Este livro não nasceu do desejo de debater teses acadêmicas, tampouco de propor uma nova doutrina ou disputar verdades com a religião de cada ser. A teologia tem os seus templos; a filosofia tem as suas cátedras. O espaço que este texto buscou construir é de outra natureza: é o território do sentimento puro, da intuição poética e da validação artística de uma paz que há muito tempo habitava o meu peito. Escrever estas páginas foi, acima de tudo, um exercício estético de pertencimento. Uma tentativa de dar forma e ritmo à certeza silenciosa de que a nossa pele não é uma muralha que nos isola do mundo, mas o exato milímetro onde o universo escolheu nos tocar.

Há séculos, um filósofo de olhar sereno e coragem inabalável deu nome e estrutura geométrica a essa intuição. Baruch Spinoza compreendeu que Deus não é um

arquiteto distante, um juiz severo que nos observa de fora ou um rei que distribui castigos e recompensas a partir de um trono invisível. Para ele, como para mim, a divindade e a Natureza são a mesmíssima e única realidade. Uma substância eterna, imanente e infinita que se derrama em tudo o que existe — da menor pedra esquecida na calçada à estrela mais remota que brilha no céu profundo. Habitar o Deus de Spinoza significa reconhecer que o sagrado está inteiramente contido dentro do próprio universo, misturando-se com a matéria, com o vento, com o corpo e com o próprio pensamento que agora lê estas palavras.

Se este monólogo contínuo conseguiu, por alguns instantes, desarmar o ruído do isolamento e fazer o leitor se sentir parte do fluxo ininterrupto do Todo, a sua missão artística está cumprida. Não há um fora do mundo. Nunca viemos de outro lugar, e nunca sairemos daqui. Somos, fomos e

sempre seremos ondas no mesmo oceano infinito —

mudando de forma, de contorno e de ritmo sob o sopro do tempo, mas eternamente feitos da mesmíssima água.

Paulito Dagen Roer

fim

"Ninguém entra no mundo. Nascemos dele, como a ponta da chama que brota do pavio. Não viemos de fora. Nunca sairemos daqui."
FUNDAMENTO